

# Cenas de uma Guerra sem Fim

Os meses de maio e junho de 2007 foram sangrentos na cidade do Rio de Janeiro. Um conjunto de favelas, conhecido como Complexo do Alemão, viveu cenas de uma verdadeira guerra: de um lado, as forças policiais; de outro, os traficantes e, no meio, os moradores. As autoridades reeditavam um tipo de intervenção policial – a ocupação temporária e o conflito armado – que vem revelando pouca eficácia sobre o controle das atividades do tráfico de drogas e que gera entre os moradores o medo, a desconfiança e a hostilidade por conta das arbitrariedades que às vezes são cometidas por policiais.

TEXTO: FERNANDO SALLA<sup>1</sup> E PAULA BALLESTEROS<sup>2\*</sup>



*Policiais da Força Nacional ocupam as principais entradas da favela da Grota*

O cenário destes conflitos expôs mais uma vez as profundas contradições da sociedade brasileira. A cidade do Rio de Janeiro tinha, em 2006, 6.087.219 habitantes. O Estado do Rio responde por 12% do Produto Interno Bruto do país e tem a segunda maior renda per capita do país. Entretanto, com uma população de aproximadamente 150 mil pessoas, o Complexo do Alemão tem o mais baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre todos os 126 bairros do Rio de Janeiro: 0,711. Em 2000, a expectativa de vida da população era de 64,8 anos, seis anos inferior à do Brasil e quase 16 anos inferior à do melhor bairro da cidade, a Gávea (zona sul). Cerca de 14% da população do Complexo era analfabeta, e apenas 13,5% das pessoas chegaram a frequentar em algum momento o segundo grau ou a universidade.

O Complexo do Alemão é um local que tem forte simbologia, pois, em

junho de 2002, traficantes capturaram o jornalista Tim Lopes, da Rede Globo, a principal emissora de televisão do país, e o mataram quando perceberam que ele produzia uma reportagem sobre a venda de drogas no local. À época, sob



*Convivendo com a “guerra” no Complexo do Alemão*

pressão da imprensa, a polícia realizou a maior intervenção até então vista no local, porém, os traficantes continuaram a dominar o morro e a resistir à presença das forças policiais.

Em maio deste ano, depois do assassinato de dois policiais, a polícia carioca invadiu o morro do Cruzeiro, no bairro da Penha, para procurar suspeitos daquelas mortes. Desde então, a favela do Cruzeiro foi mais uma vez ocupada por dezenas de policiais. O acesso à favela foi dificultado pela ação de traficantes que construíram barricadas de cimento e atearam fogo em automóveis e ônibus colocados na entrada do morro.

Não tendo êxito nas buscas iniciais, as operações policiais se espalharam por todo o Complexo do Alemão, composto por 21 favelas, incluindo a favela do Cruzeiro. Em muitos momentos, a comunidade inteira se viu privada de

\* <sup>1</sup>Fernando Salla e <sup>2</sup>Paula Ballesteros são pesquisadores do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo - NEV-USP.



*Comunidade da Fazendinha, Rio de Janeiro*

serviços básicos, como fornecimento de água, luz, coleta de lixo, telefonia, correio e escolas.

Para as autoridades, o Complexo do Alemão é um dos principais centros de armazenagem e distribuição de drogas, armas e munições. Porém, em quase dois meses de operação com mais de mil e trezentos policiais, dez suspeitos foram presos; 13 armas, 60 bananas de dinamites e 200 quilos de drogas foram apreendidos, às custas de 38 mortos e mais de 70 feridos, a maioria não envolvida diretamente nos confrontos.

Os dias mais intensos de ação policial ocorreram após os traficantes terem reagido com tiros à presença do comandante-geral da PM, coronel Ubiratan Ângelo. A operação Cerco Amplo mobilizou 300 homens da PM e 140 da Força. Três blindados (conhecidos pela população como "Caveirões"), reboques e até tratores foram usados. Só no dia 24 de junho foram contabilizadas 19 mortes. José Mariano Beltrame, secretário estadual de Segurança Pública, negou que as mortes sejam um exemplo da violência da polícia do Rio de Janeiro e afirmou que a "solução" para o Rio de Janeiro "é um remédio amargo". O governador Sérgio Cabral Filho também defendeu os procedimentos da polícia: "O resultado agradou muito. Foi o resultado de uma operação competente". No entanto, familiares dos mortos acusaram a polícia de ter

matado inocentes. Três adolescentes de 13, 14 e 16 anos estão na lista oficial dos mortos por policiais. Pelo menos 9 das 19 vítimas da operação Cerco Amplo morreram com tiros na cabeça, no tórax e no abdômen. O presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), João Tancredo, disse, com base em relatos de moradores, que a polícia cometeu "um massacre de civis" durante a operação.

Durante os Jogos Pan-americanos, em julho, houve uma trégua nos conflitos. Porém, nada indica que a situação local esteja mais tranqüila ou que novos conflitos não venham a ocorrer. Há espaços na cidade que não são efetivamente controlados pelas autoridades. As iniciativas das autoridades da área de segurança já revelaram suas limitações e costumam deixar muitos ressentimentos entre os moradores. Resta, talvez, aguardar iniciativas mais amplas como a do governo federal, que lançou em janeiro de 2007 o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e que prevê para o Rio de Janeiro investimentos de R\$ 495 milhões (cerca de 250 milhões de dólares) para a urbanização do Complexo do Alemão; ou do Pronasci (Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania), que propõe, entre outras iniciativas, fortes incentivos à carreira policial e programas sociais para adolescentes entre 15 e 29 anos e suas famílias. ■

## Brasilien legt Milliarden-Programm gegen Gewalt auf

Brasiliens Präsident Luiz Inácio Lula da Silva hat ein milliardenschweres Programm gegen die Gewalt in den Städten vorgestellt. Sein neuer Plan könne zwar keine Wiedergutmachung für die jahrhundertlange Ungerechtigkeit sein, die die Wurzel des Problems sei, erklärte Lula am vergangenen 20. August.

Mit Hilfe des Regierungsprogramms werde die Gewalt in den Städten nun aber "mit der festen Hand des Staates" angegangen. Kritiker werfen Lula vor, seit seiner Wahl vor fünf Jahren zu wenig gegen Kriminalität und Korruption unternommen zu haben.

Brasilien hat die vierthöchste Mordrate auf der Welt. Konkret sieht Lulas Sicherheitsplan Investitionen von 3,3 Milliarden Dollar (fast 2,4 Mrd. Euro) über fünf Jahre in verschiedenen Bereichen vor.

So sollen 160 neue Gefängnisse errichtet werden, um die vielerorts überfüllten Anstalten zu entlasten. In den neuen Gefängnissen soll es spezielle Berufs- und Ausbildungsangebote geben, um den Inhaftierten eine neue Perspektive zu ermöglichen. Darüber hinaus sollen mehr als 400.000 Jugendliche – darunter auch ehemalige Inhaftierte – über Stipendienprogramme finanzielle Hilfe zur Weiterbildung erhalten.

Auch Polizisten in besonders gefährlichen Gebieten werden sich für Hausbau- sowie Schulungsprogramme bewerben können. "Die Polizisten sollen stolz darauf sein, eine Uniform tragen zu dürfen, damit sie gegen das organisierte Verbrechen ankämpfen können", erklärte Lula.

Menschenrechtsgruppen begrüßten den differenzierten Ansatz des neuen Programms. Der Plan gehe das Problem von mehreren Seiten an, lobte Rubem Cesar Fernandes, Direktor der Organisation Viva Rio. "Die Frage ist nur, ob sie das Programm auch wirklich umsetzen können."